



PARA AS SOBRECARRREGADAS, O DESCANSO DE JESUS: POR UMA ESPIRITUALIDADE HUMANIZADORA DAS RELAÇÕES NA ECONOMIA DO CUIDADO

FOR THE OVERBURDENED, JESUS' REST: TOWARDS HUMANIZING RELATIONSHIPS
IN THE CARE ECONOMY

Tainá Almeida Antunes*

Resumo: A pandemia de COVID-19 no Brasil trouxe, dentre muitas situações difíceis, a atenção e desvelamento de dinâmicas domésticas adoeecedoras. Dentre elas, encontram-se as dinâmicas das relações de cuidado. Nas tensões e preocupações sobre o mercado financeiro e o trabalho produtivo, a urgência de cuidado trouxe uma percepção atenta à real importância desse trabalho nos lares, trabalho esse que existe muito antes da pandemia, e o quão defasado ele é em relação ao seu real custo. O trabalho de cuidado não remunerado afeta a vida, tempo, saúde física, mental de quem cuida. Em um espaço como o do Brasil, marcado pelas desigualdades sociais e forte religiosidade, há importância em ressaltar de que tipo de relação de cuidado se fala. Na base teórica tem-se Nadya Araújo Guimarães (2020), Adela Cortina (2020), Maria Clara Bingemer (1999), dentre outras autoras e autores. Essas perspectivas são importantes neste artigo para se propor uma presença de um Deus que também se manifesta no cuidado presente nas relações, que precisa ser refletido e apontado profeticamente em Jesus, Aquele que busca aliviar os fardos da humanidade.

Palavras-chave: Cuidado. Teologia Pública. Feminismo. Religião. Espiritualidade.

Abstract: The COVID-19 pandemic in Brazil brought, among many difficult situations, attention to and unveiling of distressing domestic dynamics. Among them are the dynamics of care relationships. Amidst the tensions and concerns about the financial market and productive work, the urgency of care has brought a keen awareness of the real importance of this work in households, work that has existed long before the pandemic, and how it is significantly undervalued in relation to its true cost. Unpaid care work affects the life, time, and physical and mental health of those who provide care. In a context like Brazil, marked by social inequalities and strong religious beliefs, it is important to emphasize the type of care relationship being discussed. The theoretical foundation includes Nadya Araújo Guimarães (2020), Adela Cortina

* Mestranda em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio. Bolsista CAPES. E-mail: tainantuns@gmail.com



(2020), Maria Clara Bingemer (1999), among other authors. These perspectives are important in this article to propose the presence of a God who also manifests in the care present in relationships, which needs to be prophetically reflected upon and pointed to in Jesus, the One who seeks to alleviate the burdens of humanity.

Keywords: Care. Public Theology. Feminism. Religion. Spirituality.

INTRODUÇÃO

Na sociologia pode-se encontrar variadas definições dada a diversidade de pessoas trabalhadoras em suas muitas áreas (medicina, enfermagem, cuidado de crianças, pessoas idosas, pacientes acamadas, doulas, serviços domésticos), até mesmo a localidade e realidade social em que estão inseridas. Porém, uma das categorias do trabalho de cuidado na qual este artigo tratará é a do trabalho doméstico não remunerado. Os estudos sociológicos, feministas acerca da divisão sexual do trabalho também identificam esta realidade dentro do que se propõem a chamar de “Economia do Cuidado”¹.

As realidades que compõem a Economia do Cuidado abarcam a totalidade dos lares brasileiros (e do mundo) como garantia de assistência, satisfação das necessidades e, em muitos casos, na preparação do próprio ser humano dotando-o de autonomia, saúde, condições necessárias que contribuem também para o movimento de mercado e economia da sociedade.

Porém, é um cuidado que no Brasil possui gênero, raça, classe social, e ainda é invisibilizado, pois não há uma contabilidade oficial deste trabalho, nem sua identificação como tal. É interessante que Cortina, ao tratar da necessidade de se cunhar o termo *aporofobia* para trazer luz à discussão acerca da realidade da aversão ao pobre, aclara este artigo ao fazer juntamente uma defesa fundamental da necessidade de se nomear as mazelas da sociedade.

¹ O termo “economia do cuidado” aparece nos debates feministas por volta dos anos 70 nas discussões sobre capitalismo e a divisão sexual do trabalho. Das discussões derivadas nasce também o conceito de trabalho reprodutivo, necessário para criação de mais força de trabalho para o capitalismo. Ver MULLER, Eliane Fransieli; MOSER, Liliane. Economia do cuidado: um debate conceitual. In: SEMINÁRIO NACIONAL: SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL – SENASS, 4., 2022. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2022. p. 4. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/242785/44%201095.pdf?sequence=1#:~:text=A%20economia%20do%20cuidado%20tem,1999%20apud%20ESQUIVEL%2C%202011>. Acesso em: 24 maio 2023.



Em seu trabalho, Cortina chama atenção ao dialogar com a literatura de Gabriel García Márquez. A literatura em questão é *Cem anos de solidão*, onde Márquez diz que “O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo²”. Neste trecho, vê-se um reflexo do ato edênico de dar nome às coisas registrado em Gênesis 2.20³ a fim de trazê-las à existência e, como ilustrado por Cortina, é o ato que pode levar esta existência ao centro dos debates públicos:

[...] A ideologia, quanto mais silenciosa, mais efetiva, porque nem sequer se pode denunciá-la. Distorce a realidade ocultando-a, envolvendo-a em um manto de invisibilidade, de modo que seja impossível distinguir as imagens das coisas. É por isso que a história consiste, ao menos em certa medida, em dar nomes às coisas, tanto as que se pode apontar com o dedo, como e sobretudo as que não se pode apontar porque formam parte da trama de nossa realidade social, não do mundo físico.⁴

A partir do momento em que o cuidado não remunerado é visibilizado pelas discussões nos espaços acadêmicos, na sociedade, nas áreas políticas, do direito, tendo ressaltada a sua relevância e essencialidade, pode-se perguntar como o cuidado – ato que permeia a práxis cristã como um compromisso com a vida⁵ – está descolado do reconhecimento de sua importância nas relações sociais em uma sociedade como a brasileira, que é majoritariamente cristã⁶, por exemplo. A classe cuidadora brasileira (em sua maioria, mulher, preta) não remunerada é, na prática, condenada à vulnerabilidade

² MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Trad. Eliane Zagury. 48. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967. p. 05. Disponível em: <https://www.escolahenriquemedina.org/bibdigital/view/1788/Cem%20Anos%20de%20Solidao%20-%20Gabriel%20Garcia%20Marquez.pdf>. Acesso em: 24 maio 2024.

³ “Vendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais dos campos, e todas as aves dos céus, levou-os ao homem, para ver como ele os havia de chamar; e todo o nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome.” BÍBLIA DE JERUSALÉM. ed. Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴ CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. Trad. Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 17-18.

⁵ “A práxis cristã busca levar a uma compreensão do caminho da mudança e a um compromisso com a prática desse caminho, no contexto da comunidade eclesial. Implica um compromisso com a vida plena para todos e com a prática de relações sociais humanas e humanizadoras. Desta forma, empenha-se por superar uma visão fatalista diante da vida, de situações de miséria, injustiça ou exclusão e criar horizontes de esperança, desejos de uma nova realidade”. LENZ, Matias Marinho. Fé Cristã e práxis social. **Biblioteca Digital Teológica Latinoamericana**, [s.d.]. p. 04. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1690>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁶ Os segmentos religiosos identificados como católicos e evangélicos somam 86,8% da população. IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. **Agência IBGE notícias**, 29 jun. 2012. p. 01. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 29 maio 2024.



econômica, social, porque, muitas vezes, não possui amparo de uma rede de apoio em sua casa, igreja, comunidade, para aliviar a sua demanda. A estas mulheres a sociedade brasileira condena à subsistência, onde podem desenvolver doenças físicas e mentais como fadiga, insônia, irritabilidade, depressão, outros sintomas psicossomáticos⁷ devido à sobrecarga de um cuidado que ainda é tratado, muitas das vezes, como “obrigação”, onde o afeto que envolve esta relação traz nebulosidade para as necessidades de quem cuida.

O cuidado, atribuído culturalmente ao gênero feminino, pode ter seu valor reduzido em uma sociedade onde há um Deus (*Theós*) masculinizado, que está acima das questões naturais, e distante das relações mais essenciais do ser humano. Sendo assim, urge cumprir enquanto igreja cristã identificada como seguimento de Jesus o seu papel profético, que é capaz de amar, olhar com sensibilidade para estas relações desgastadas. Estes desgastes trazem complicações para uma parcela invisível na sociedade, mas invisível também dentro de sua própria casa e comunidade de fé. O papel da igreja no que diz respeito ao trabalho de cuidado, é trazer luz e observar mais atentamente, sensivelmente os sofrimentos das pessoas cuidadoras dentro dessa dinâmica de relações que se estabelecem na cotidianidade.

CIRCUITOS DE CUIDADO, DESIGUALDADE DE GÊNERO E DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO

Ao se falar de cuidado (*care*⁸), há a necessidade de mencionar suas muitas faces, a fim de compreender esta categoria de trabalho. Guimarães apresenta as redes e dinâmicas das relações de cuidado em um conceito chamado por ela de circuitos de cuidado. Esses circuitos são responsáveis por mostrar a variedade de nuances existentes que se estabelecem nas relações sociais, seus significados, observando se

⁷ PINHO, Paloma de Sousa; ARAÚJO, Tânia Maria de. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 15, n. 3, p. 560-572, 2012. p. 561. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/dxHcftTBL5b8P5YcXmwFwGG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2024.

⁸ Segundo Guimarães e Vieira, a concepção de cuidado e a forma de se denominar esta área como *care* é uma tentativa de trazer várias nuances do trabalho do cuidado, seus formatos e implicações sociais de forma mais abrangente. Ver GUIMARÃES, Nadya Araújo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 98, p. 7-23, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LN8YgwX9J7Xgr67tZTVjf9B/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 23 maio 2023.



há alguma transação, mercantilidade, e se há algum tipo de retribuição associada a este trabalho⁹. Estes circuitos de Guimarães se dividem e evidenciam três possibilidades: o trabalho de “cuidado como profissão”, o “cuidado como obrigação” e o “cuidado como ajuda”.

O cuidado como “profissão” está ligado às áreas da saúde (medicina, enfermagem, suportes), de pessoas cuidadoras domiciliares qualificadas (pessoas idosas, acamadas, com deficiência, doulas de parto, doulas da morte), e pessoas cuidadoras de instituições de longa permanência.

O cuidado como “obrigação” é um leque aberto para se falar do cuidado não remunerado. Graças aos estudos feministas acerca desta área de trabalho, vê-se que a maioria é composta por mulheres e meninas, cujos “afazeres domésticos” são sua “obrigação”, e que por serem obrigação do sujeito feminino são invisíveis, feitos de forma regular, gratuita, onde fica evidenciada uma relação desigual de divisão sexual do trabalho. Já que este trabalho de cuidado é visto como uma obrigação do gênero feminino, isso o caracteriza como um cuidado que demanda muito tempo e muitas atividades, onde a relação de afetos e provisão de saúde que ele propõe para o âmbito familiar o torna um não-trabalho, ato naturalizado, desprovendo-o de qualquer característica remuneratória¹⁰.

O terceiro circuito de cuidado é caracterizado como “ajuda”. Também não costuma envolver remuneração, e exige tempo e cuidado compartilhado. É um cuidado solidarizado, principalmente em áreas de extrema pobreza, situação que sequer possibilita pensar na contratação de trabalhos relativos à área. Esse tipo de cuidado geralmente está presente em situações em que as pessoas não são alcançadas por políticas públicas existentes. As pessoas mobilizam-se entre si para cuidarem de seus próximos, familiares, sem uma relação de obrigatoriedade, e sim como uma forma de incentivo entre si, onde há mais reconhecimento e uma forte reciprocidade.

Apresentados estes três circuitos, a fim de visualizar e compreender as nuances que envolvem a economia do cuidado, vale ressaltar que o artigo se concentrará no circuito do “cuidado como obrigação”, por ser o que está presente nos lares brasileiros de forma a envolver, configurar e conferir um sentido para as relações. Este jeito de viver, de certo modo, interfere na saúde física, emocional das pessoas cuidadoras e,

⁹ GUIMARÃES; VIEIRA, 2020, p. 4.

¹⁰ GUIMARÃES; VIEIRA, 2020, p. 9.



consequentemente, em sua espiritualidade. Esta divisão sustenta toda uma cadeia de mercado focada na produtividade. As dimensões e números que apresentam esta face da economia do cuidado aparecerá no próximo tópico, para demonstrar a urgência de repensarmos essa dinâmica de relações estabelecidas na sociedade.

ECONOMIA DO CUIDADO: ÂMBITO SOCIOECONÔMICO E DESIGUALDADES

As disparidades advindas das questões do trabalho de cuidado como obrigação também fazem parte de uma ausência de consciência da população sobre o que é considerado “tarefa, afazer doméstico” e, por isso, ele é considerado um não-trabalho. Os dados a seguir revelam como esta situação de invisibilização faz parte do caso brasileiro:

- 90% do trabalho de cuidado no Brasil é feito informalmente pelas famílias – e desses 90%, quase 85% é feito por mulheres¹¹.
- Mulheres dedicam quase duas vezes mais horas que os homens aos afazeres domésticos¹².
- Ao todo, mulheres gastam, em média, 61 horas por semana em trabalhos não remunerados no Brasil. Esse esforço equivaleria a 11% do PIB, mais que o dobro do agronegócio¹³.

Enquanto homens em geral gastam maior parte do seu tempo em atividades consideradas produtivas, as mulheres e meninas, além da carga horária de trabalho remunerado de algumas, em média gastam duas vezes mais o seu tempo em atividades de cuidado. Considerando tudo o que é produzido pela economia de um país, a economia do cuidado é o maior aporte à essa economia¹⁴. O cuidado é necessário para o crescimento, desenvolvimento e tudo o que envolve a manutenção da vida. Este trabalho

¹¹ OXFAM. **Tempo de cuidar**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/#:~:text=A%20desigualdade%20econ%C3%B4mica%20est%C3%A1%20fora,a%20crise%20global%20da%20desigualdade>. Acesso em: 01 jun. 2023.

¹² GANDRA, Alana. IBGE: mulher tem peso importante no chamado "trabalho invisível". **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 04 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-06/ibge-mulher-tem-peso-importante-no-chamado-trabalho-invisivel#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,pr%C3%B3prio%20%C3%A9%20a%20atividade%20mais%20masculina>. Acesso em: 01 jun. 2023.

¹³ THINK Olga. **Economia do Cuidado**: como podemos visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado? 2020a. Disponível em: <http://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

¹⁴ THINK Olga, 2020a.

gera novas pessoas trabalhadoras e é responsável por manter a vida desta população ativa saudável para a atuação no que se chama, em contrapartida, de mercado produtivo:

Caracteriza-se o cuidador familiar como uma pessoa das relações familiares, que executa em ambiente doméstico o cuidado com a saúde e o bem-estar de um membro da família em tempo demasiado ou longas jornadas, sem receber remuneração ou benefício social do Estado. Elas são as principais responsáveis pela gestão do cuidado, que consiste em alimentar, vestir, medicar, higienizar, dedicar afeto, direcionado ao marido, aos pais e irmãos, garantindo-lhes saúde e bem-estar. Não recebem benefícios sociais ou remuneração por essa atividade. No Brasil, este trabalho não é reconhecido, e elas são quatro em cada cinco cuidadoras familiares¹⁵.

As relações de cuidado domésticas possuem certas implicações éticas e complexas por estarem envolvidas em relações de afeto. Também por isso, o cuidado desempenhado exige uma carga emocional e afetiva alta, seja pela proximidade de parentesco (filiação, cônjuge), seja por outros tipos de relacionamento estabelecidos (amizades próximas, relações trabalhistas domésticas). Do cuidado também faz parte uma antevisão das necessidades de quem precisa dele, resultante da atenção constante sobre a pessoa necessitada. Além disso, há também a preparação ambiental para que este cuidado se desenvolva de forma holística: idas à farmácia, compras em supermercados e feiras, compras de roupas, preparação de comidas, manutenção da organização e higienização da casa e dos itens pessoais de cada pessoa moradora. Acompanhamento de todos os aspectos do desenvolvimento de crianças e evolução de saúde das pessoas adoecidas na casa, acompanhamento das finanças, contas, a fim de enxergar a necessidade de economizar ou de investir em alguma área da família, etc.

Diante do exposto, são inegáveis os aspectos fundamentais para a manutenção da vida que o cuidado não remunerado proporciona. Porém, é um trabalho que tem sobrecarregado principalmente as mulheres¹⁶. Os fatores envolvidos, as estruturas sociais e atual situação econômica contribuem com a invisibilidade deste sofrimento:

As mulheres, há tempos, atuam mais no espaço doméstico, executando trabalhos como: cuidar, limpar e ensinar; que são socialmente desqualificados e invisíveis [...]. As mulheres exercem o cuidado aos outros com significação emocional, como uma obrigação e um elemento central de sua identidade [...]. A ética faz as mulheres se sentirem responsáveis pela manutenção da ligação

¹⁵ RENK, Valquiria Elita; BUZQUIA, Sabrina Pontes; BORDINI, Ana Sílvia Juliatto. Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 30, n. 3, p. 416-423, 2022. p. 417. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202230030228>.

¹⁶ Também existem homens na situação de cuidado de suas casas, famílias além do trabalho, homens que moram sozinhos. Porém, representam uma parcela muito menor se comparado ao número de mulheres. Para mais informações, ver GANDRA, 2020, p. 01.



afetiva que mantém com os familiares. Assumem o ato de cuidar do outro como a concretização de suas responsabilidades [...]. O imperativo moral para as mulheres caracteriza-se na obrigação e na ética do cuidado. A voz feminina não é percebida, é silenciada, pois traz um discurso contra hegemônico¹⁷.

Dentre os fatores apresentados, a dimensão afetiva atribuída a este trabalho de cuidado que é geralmente qualificado apenas como “amor”, “dedicação”, muito contribui para um reforço de reconhecimento desta atividade como um não-trabalho.

Devido à existência de certo imperativo ético nas relações familiares que invisibilizam a dificuldade do trabalho de cuidado ao atrelar nele significado de “amor”, “responsabilidade familiar” atrelado aos papéis de “mãe”, “esposa”, “filha”¹⁸ existe a dificuldade real de inserção/reinserção dessas mulheres no mercado de trabalho, fazendo com que recorram às atividades informais para sobreviver. A insegurança econômica gerada priva esta mulher/menina de tempo para autocuidado, reduz sua autonomia, provoca isolamento social, devido à pobreza de tempo que a situação do trabalho doméstico e as demandas do cuidado não remunerado podem proporcionar.

Sobre a pobreza de tempo, a socióloga Luana Simões Pinheiro afirma:

[...] as mulheres sofrem com o que se convencionou chamar de elevados níveis de pobreza de tempo, o que amplia também suas chances de adoecimento físico e mental. O trabalho doméstico e de cuidados não remunerado é permanente e não se encerra quando a louça do final do dia é lavada e guardada e quando as crianças dormem. A carga mental deste trabalho, o planejamento, a organização se dão durante todo o dia e demandam um conjunto de habilidades que exaurem aquelas que se responsabilizam por este trabalho¹⁹.

A situação econômica capitalista é o outro fator que marginaliza as mulheres e se beneficia dessa divisão sexual do trabalho. O cuidado prepara novas gerações e proporciona pessoas saudáveis para o mercado, mas não é considerado “produtivo” por não envolver diretamente uma ação que gera “lucro”. Isso contribui para uma acentuação das desigualdades baseada no gênero. Por exemplo, a entrada no mercado de trabalho para as mulheres não traz uma inclusão positiva, visto que estão sobrecarregadas com as questões domésticas que ainda são vistas culturalmente como seu trabalho, e por

¹⁷ RENK; BUZQUIA; BORDINI, 2022, p. 417-418.

¹⁸ GUIMARÃES; VIEIRA, 2020, p. 10.

¹⁹ MACHADO, Ricardo. As mulheres sofrem com elevados níveis de pobreza de tempo. Entrevista especial com Luana Simões Pinheiro. **Instituto Humanitas Unisinos**, 24 maio 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/609479-as-mulheres-sofrem-com-elevados-niveis-de-pobreza-de-tempo-entrevista-especial-com-luana-simoes-pinheiro>. Acesso em: 02 jun. 2023.

terem estas demandas em casa, geralmente não possuem o perfil de disponibilidade exigido pelas corporações.

O acirramento da desigualdade é latente quando, além da dimensão de gênero, inclui-se a dimensão racial. As mulheres pretas que, no Brasil, sempre foram remanejadas como força de trabalho escravo e reprodução de mais pessoas escravizadas escancara mais uma crueldade a esta parcela da população, que é maioria nos trabalhos domésticos remunerados, de saúde, encabeçam a maior parte dos lares geridos por mulheres no Brasil e são as mais expostas à miséria²⁰. A pandemia do COVID-19 escancarou para a sociedade o quão necessário e imprescindível é para toda a população o trabalho de cuidado²¹, e o quanto o cuidado precisa o quanto antes ser reivindicado como um direito de todas as pessoas, inclusive de quem cuida.

“QUEM ENCONTRARÁ A MULHER DE VALOR?” NINGUÉM! – DESAFIOS DAS INTERPRETAÇÕES DA BÍBLIA E DA PRÁXIS CRISTÃ

A figura da “mulher de valor²²” ou “mulher virtuosa²³”, de certa forma, é interpretada e reinterpretada em realidades sociais onde a Bíblia está presente. Em algumas interpretações de protestantes históricos no Brasil destaca-se por exemplo, o texto “*A mulher de Deus e a mulher virtuosa*” do site Voltemos ao Evangelho²⁴. No âmbito pentecostal e neopentecostal brasileiro, destaca-se o vídeo da Pra. Elizete Malafaia intitulado “É possível ser uma mulher virtuosa?”²⁵, como exemplos deste discurso presente em algumas vertentes evangélicas e protestantes do Brasil.

²⁰ THINK Olga. **Saúde das mulheres:** Mulheres são a linha de frente da saúde e do cuidado, mas seguem sozinhas, desamparadas e adoecendo. 2020b. Disponível em: <http://lab.thinkolga.com/saude-das-mulheres/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

²¹ THINK Olga. **Manifesto.** 2020c. Disponível em: <http://lab.thinkolga.com/manifesto/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

²² Ver Provérbios 31.10, na tradução da Bíblia de Jerusalém.

²³ Ver Provérbios 31.10, nas traduções Almeida, e versões como a Nova Versão Internacional, muito usadas por protestantes e evangélicos.

²⁴ PIMENTEL, Vinicius Musselman. A mulher de Deus e a mulher Virtuosa. **Voltemos ao Evangelho**, 26 mar. 2012, n.p. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2012/03/a-mulher-de-deus-e-a-mulher-virtuosa/#:~:text=Prov%C3%A9rbios%20nos%20diz%20que%20uma,uma%20b%C3%AAAn%C3%A7%C3%A3o%20e%20uma%20oportunidade>. Acesso em: 31 maio 2024.

²⁵ No vídeo (a partir de 2.35) a “mulher virtuosa” é colocada em uma antítese à afirmação de que a Bíblia é machista, pois se trata de uma mulher de referência “empreendedora que cuidava do corpo, da alma, cuidava dos seus filhos, cuidava do seu lar, ela sabia administrar o seu tempo e os seus papéis”. MALAFAIA, Elizete. É possível ser uma mulher virtuosa? – Pra. Elizete Malafaia. **Youtube**, 31 jan. 2022. 1 vídeo (36 minutos). Disponível em: <https://youtu.be/H8winjbSQ0M?si=BHxxSqrpg1S2A38v>. Acesso em: 31 maio 2024.



No contexto católico, alguns dos marcos recentes sobre a situação das mulheres no mundo e na igreja como a carta *Mulieris Dignitatem* (1988) de João Paulo II, e o documento *Querida Amazônia* (2020) do Papa Francisco, não utilizam o texto de Provérbios 31 como centro ou auxílio de seu discurso. Esta observação não retira da Igreja Católica a sua contribuição para a “santificação da opressão²⁶” feminina e seu silenciamento. Apenas não será aprofundada neste artigo.

No texto do site *Voltemos ao Evangelho* e no vídeo da Pra. Elizete Malafaia citados anteriormente, a “mulher de valor” é vista como a pessoa responsável por tudo o que diz respeito à casa, trabalhadora incansável, que dá conta de muitas atividades. Por todas as suas atribuições e trabalho, é aclamada como uma “mulher de valor” excedente às joias preciosas. Um ideal reprisado anualmente em muitos discursos cristãos nas datas em que mulheres são consideradas o público-alvo (dia internacional da mulher, dia das mães, outubro rosa, por exemplo), e posto como padrão a ser seguido.

Com esse padrão idealizado, pode-se inferir que a mulher que é uma “perfeita dona-de-casa²⁷”, precisaria, igualmente, dar conta das tarefas domésticas, manter a dinâmica da casa alinhada para satisfação de quem está sob seus cuidados. Precisa ser “submissa”, servente, em uma posição que é, muitas das vezes, reforçada e proclamada pelo ensino religioso cristão. Até mesmo em mídias de notícias digitais²⁸ é apontado como um ministério superior, mas não é incentivado a ser aspirado de igual modo para todas as pessoas, mas pregado como algo a ser considerado apenas para as mulheres²⁹.

Dada a desigual divisão sexual do trabalho vivida na sociedade brasileira e, conseqüentemente, reforçada nos ambientes religiosos e espaços onde há poder político, torna-se visível cada vez mais a incoerência de tais feitos. O que, muitas das

²⁶ McELWEE, Kate. A evolução do Papa Francisco sobre as mulheres: algum movimento, mas é necessário mais. **Instituto Humanitas Unisinos**, 08 mar. 2023. n.p. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626748-a-evolucao-do-papa-francisco-sobre-as-mulheres-algum-movimento-mas-mais-necessario>. Acesso em: 31 maio 2024.

²⁷ Provérbios 31.10, letra h. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**, 2002.

²⁸ LAGES, Patrícia. Empreendedoras da Bíblia – a mulher de Provérbios (parte 1). **Bolsa Blindada**, 28 ago. 2015. n.p. Disponível em: <https://bolsablindada.com.br/empreendedoras-da-biblia-a-mulher-de-proverbios-31-parte-1/>. Acesso em: 31 maio 2024.

²⁹ Um exemplo dessa pregação está resumido na fala da coordenadoria da próxima Conferência Fiel Mulheres, ligada ao já mencionado Ministério Fiel em seu hotsite: “reafirmamos nossa crença, histórica e bíblica, de que homem e mulher são iguais em valor, mas possuem diferentes papéis estabelecidos na Criação, tristemente corrompidos pela Queda, mas redimidos em Cristo. Embora ambos os sexos carreguem plenamente a imagem de Deus por si mesmos, cada um o faz de uma maneira única e distinta”. **CONFERÊNCIA Fiel Mulheres 2025: criadas à imagem de Deus. Ministério Fiel**, 2024. Disponível em: <https://conferencias.ministeriofiel.com.br/21-a-23-03-criadas-a-imagem-de-deus-conferencia-fiel-mulheres-2025/>. Acesso em: 31 maio 2024.



vezes, é chamado de “vontade de Deus” é, na verdade, um rearranjo socioeconômico que explora os afetos do cuidado para manutenção da saúde de pessoas que sustentam e se beneficiam do capitalismo adotado em suas práticas sócio políticas, onde a cúpula do poder será masculina, e a base dessa exploração está a manutenção das forças femininas.

As análises sobre o período da pandemia de COVID-19 trazem um grande alerta sobre essa divisão estabelecida pelo trabalho e suas consequências na saúde da população feminina, pois

A pandemia tornou isso evidente, pois muitas mulheres estão em trabalho remoto que precisa ser conjugado com todas as atribuições domésticas naturalizadas pela ‘normalidade’ cultural e comumente ratificadas pela tradição religiosa. Mas grande parte das mulheres não tem o privilégio de poder trabalhar em casa nessa modalidade de trabalho. Muitas perderam seus empregos e mesmo suas rendas da economia informal, o que torna esse cotidiano ainda muito mais pesado. Outras, sobretudo trabalhadoras domésticas e comerciárias, se arriscam em transportes coletivos, entrando em contato com pessoas potencialmente transmissoras, incluindo patrões e clientes, mas precisam trabalhar, pois dependem desses empregos para a sobrevivência. É emblemático que a primeira vítima de morte pela Covid-19 no Brasil foi uma diarista, Rosana Urbano, de Tiradentes/SP.³⁰

A falta de preparo e empenho do Estado para o combate eficaz da pandemia contribuiu para mortes evitáveis, agravamento das violências, e sobrecargas de todos os que estão envolvidos com o cuidado, área de maioria de mulheres³¹. A população mundial foi igualmente alvo de cuidados, inclusive das mulheres que estavam na linha de frente de combate ao vírus. Suas situações foram percebidas de forma nacional e internacional: o vírus trouxe à tona, de forma amplificada, a essencialidade do serviço de cuidado feito por mulheres e meninas dentro de casa. Mas, muito pouco foi feito como política pública para elas.

O desamparo e identificação “natural” do cuidado com a parcela feminina trouxe mais sobrecarga e, conseqüentemente, adoecimento, vulnerabilidade para estas mulheres:

³⁰ ULRICH, Claudete Beise; STRÖHER, Marga Janete; PAZ, Nivia Ivette Nuñez de la. Mulheres em tempo de pandemia: a cotidianidade, a economia do cuidado e o grito uterino! **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 554-572, maio/ago. 2020. p. 559. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/4101. Acesso em: 12 jun. 2023.

³¹ PROTAGONIZADO POR MULHERES, trabalho de cuidado segue “invisível” à população. **Universidade Federal da Integração Latino-Americana**, Paraná, 06 mar. 2023. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/noticias/protagonizado-por-mulheres-trabalho-de-cuidado-segue-201cinvisivel201d-a-populacao-1>. Acesso em: 31 maio 2024.



Embora a pesquisa não tenha detalhado as razões que levaram as mulheres a terem maior sofrimento psíquico, a literatura médica vem mostrando que são elas que têm maiores impactos pelas condições sociais em que vivem. 'A pandemia só acirrou essa situação', diz o neuropsicólogo. Elas cumprem dupla jornada, acompanham o desenvolvimento escolar dos filhos e, na pandemia, mais pessoas permaneceram dentro de casa, além das preocupações relacionadas ao próprio vírus (iminência de contaminação, necessidade de mudanças de hábitos de higiene, redução de convívio social, familiares adoecidos, etc.). 'Todas essas circunstâncias geram estresse e podem ser gatilhos detonadores de doenças mentais'.³²

Existe uma invisibilização, não somente do trabalho de cuidado feito no âmbito das casas, mas também do que acontece com a vida, saúde, emoções das mulheres e, a sua espiritualidade. Estas dimensões existenciais das mulheres não podem ser dissociadas do transpasse das diversas mazelas humanas produzidas em um mundo onde a tônica é a exploração do trabalho, onde a sobrecarga recai sobre mulheres e meninas, legitimada por um discurso sequestrador de suas vidas e saúde.

Esta lógica de subjugação e dominação é denunciada pelas teologias feministas, cujo locus teológico está na concretude das experiências das mulheres e em seus contextos³³. A teologia feminista analisa os limites impostos, as restrições, as contradições cotidianas, a limitação de nossos tempos, o controle dos corpos³⁴ com o objetivo de entender o que foi construído socialmente para vislumbrar e refletir sobre possibilidades de mudança, inclusive, para além dos masculinizados discursos teológicos.

As hermenêuticas cristãs que promovem o homem como principal "provedor" e a mulher como principal "cuidadora do lar" possuem grande parcela de responsabilidade, não somente pela interpretação de textos como o de Provérbios cap.31 vers.10-31, mas também, na projeção de suas consequências, desdobramentos e reforços de projetos econômicos onde a divisão sexual do trabalho é menos questionada por uma parcela da população por ela reforçar discursos que se dizem bíblicos sobre "o papel do homem e da mulher":

³² "Mulheres foram mais afetadas emocionalmente durante a pandemia. O estudo foi feito no Instituto de Psiquiatria da USP. Das voluntárias que responderam a pesquisa, 40,5% apresentaram sintomas de depressão, 34,9%, ansiedade, e 37,3%, estresse." FERREIRA, Ivanir. Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia. **Jornal da USP**, 09 fev. 2021. n.p. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

³³ ULRICH; STRÖHER; PAZ, 2020, p. 558.

³⁴ ULRICH; STRÖHER; PAZ, 2020, p. 558.



Algumas afirmações de grandes mestres da teologia, como Agostinho de Hipona e, na alta escolástica, Tomás de Aquino, foram interpretadas no sentido de que o macho é o sexo genérico da espécie humana. Somente o macho representa a plenitude do potencial humano, enquanto que a mulher por natureza é deficiente física, moral e mentalmente. Esta concepção leva a afirmar que não só depois da queda original, mas também na essência original das coisas, a natureza deficiente da mulher a confinou a uma posição subserviente na ordem social. Ela é por natureza subjugada.³⁵

Considerando estas realidades e os usos da interpretação bíblica, não é de se espantar que qualquer crítica às estruturas patriarcais que reforçam “papéis” de gênero sejam duramente rechaçadas. Pois estes papéis não foram estratificados apenas nas dinâmicas sociais, mas também eclesiais. Por exemplo, o Cristo que é o servo-sofredor³⁶ foi menos enfatizado em detrimento do Cristo Pantocrator³⁷, identificado com a liderança régia, masculina, de força e poder, domínio. A necessidade de ontologizar este Cristo Imperador pode ter produzido uma masculinidade identificada com o divino, “ainda que se continue afirmando que Deus transcende os sexos. O masculino representa o participante divino na economia da Aliança e o feminino, o participante humano”³⁸.

A não identificação do sofrimento relegado às mulheres por este “papel secundário” que elas são simbolicamente obrigadas a darem conta, é proveniente de uma insensibilidade causada pela deificação do masculino e de sua “missão” de forma androcêntrica, individualista, que olha apenas para aquilo que lhes causa sofrimento, descolada da realidade e das relações de gênero.

Em uma teologia androcêntrica, Cristo é capaz de aliviar, através de seu corpo místico, o fardo do mundo, mas não parece estar presente nas dinâmicas das relações domésticas, para aliviar os fardos das mulheres e meninas. Na prática, ninguém acha a mulher “de valor”. Pelo não-valor de suas tarefas, há um não-valor na sua dor, há um não-valor da sua necessidade de também ser alvo de cuidados. A pergunta “quem cuida

³⁵ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Nem Homem nem mulher (Gal 3,28): reflexão sobre alguns aspectos de Cristologia feminista. In: AQUINO, Marcelo Fernandes de (org.). **Jesus de Nazaré: profeta da liberdade e da esperança**. São Leopoldo: Unisinos, 1999. p. 188.

³⁶ O “Servo-Sofredor” representaria um Cristo mais humanizado. É uma alusão direta ao texto do profeta Isaías, cap. 53. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

³⁷ Pantocrator pode ser traduzido por onipresente, onirregente, remete a uma figura de senhorio. TOMMASO, Wilma Steagall de. **Cristo Pantocrator: a origem e sua divulgação no Brasil**. [s.d.]. p. 09. Disponível em: https://wilmatommaso.com.br/wp-content/uploads/2021/02/022_CRISTO_PANTOCRATOR_A_ORIGEM_E_SUA_DIVULG.pdf. Acesso em: 31 maio 2024.

³⁸ BINGEMER, 1999, p. 194.



de quem cuida?” reverbera³⁹ cada vez mais na sociedade e, para ela, o corpo místico de Cristo não pode fechar os olhos e ouvidos.

JESUS, O DESCANSO E O CUIDADO: POR UMA PRESENÇA DIVINA HUMANIZADORA NAS RELAÇÕES DE CUIDADO

No Brasil, país de maioria cristã, o conceito de diaconia consegue coexistir com a exploração a ponto de as pessoas crentes não conseguirem enxergar o sofrimento de quem está dentro de suas casas. Como solução antropológica possível, Cortina traz o conceito de respeito ativo, pois, “é verdade que todas as pessoas são vulneráveis, mas em diferentes momentos e lugares algumas precisam de mais ajuda do que outras para manter a vida, uma vida boa”⁴⁰. Segundo Cortina, a educação para o respeito pode garantir uma visão igualitária do seu próximo, movendo o ser humano a reduzir ativamente as desigualdades.

Além da necessidade de políticas públicas, urge a necessidade de pessoas cristãs exercerem uma alteridade do cuidado que deve começar nas relações pastorais e chegar até as experiências concretas do chão do lar. Do samaritano, por exemplo, que ao encontrar um homem ferido, semimorto em seu caminho “viu-o e moveu-se de compaixão” (Lucas 10.33)⁴¹ vem a inesperada salvação para aquela vida. A institucionalidade da religião (sacerdote, levita) via e passava adiante. Uma vida religiosa, com todas as suas certezas sobre Deus não está isenta de sua ausência, pelo contrário, uma vida religiosa sem o espírito de Cristo está fadada a apresentar um Deus ausente das relações, que não vê, que passa adiante. Sem a proximidade das relações não há conhecimento da dor, tampouco compaixão.

O Cristo dos Evangelhos faz o convite: “*vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso*” (Mateus 11.28)⁴². Como o primeiro a descansar, Deus instituiu a necessidade de uma pausa habitual saudável em Gênesis 2.2⁴³, para todo o ciclo de vida, para a Terra, a fim de haver recuperação de forças, saúde e preservação. Em uma sociedade baseada na produtividade, a vida

³⁹ CASTRO, Beatriz Helena Viana; EGGERT, Edla. Responsabilização do cuidado – a pandemia e as mulheres. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 10-21, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em: 01 jun. 2024.

⁴⁰ CORTINA, 2020, p. 209.

⁴¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

⁴² BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

⁴³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002.



humana precisa participar mais do descanso, e nisso precisam estar inclusas as mulheres e meninas que cuidam para que muitas pessoas tenham vida e descanso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A práxis de Jesus Cristo está no olhar para a pessoa necessitada e sua necessidade, de forma a mover uma ação de cuidado sobre ela. Sem o exercício pedagógico de nomear a crise de cuidados onde a sociedade está inserida e trazer a dinâmica do cuidado doméstico do invisível para o visível, não haverá olhares convertidos e compassivos às mulheres sobrecarregadas, que também precisam de cuidados. Diante do descaso com o humano, temos a revelação e um claro convite “vinde a mim” de um Deus que cuida, em quem as sobrecarregadas podem se apegar de forma esperançosa, que assume em si a ternura sobre as crianças, o choro da perda, a frustração do não acolhimento de Israel⁴⁴... Este Deus conhece o sofrimento das mulheres e meninas.

Cristo manifesta em si a fraternidade e a sororidade. Manifesta um Deus cujo masculino e feminino lhe pertencem⁴⁵ e, por isso, não há qualquer divisão. O corpo místico de Cristo precisa resgatar a mensagem da misericórdia que se revela no cuidado, pois “Vivendo da misericórdia e oferecendo-a a todos, a Igreja se realiza e cumpre sua ação apostólica e missionária”⁴⁶. O cuidado, inclusive de quem cuida, é profético, anunciador de alívio, consolo, esperança, presença de Deus, prática de Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. ed. Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Nem Homem nem mulher (Gal 3,28): reflexão sobre alguns aspectos de Cristologia feminista. In: AQUINO, Marcelo Fernandes de (org.).

Jesus de Nazaré: profeta da liberdade e da esperança. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

⁴⁴ “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, e não o quiseste!” (Mateus cap. 23 vers. 37). BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

⁴⁵ BINGEMER, 1999, p. 200-202.

⁴⁶ JAGURABA, Mariangela. O Papa: a misericórdia é a missão da Igreja, facilitar o acesso dos fiéis a este “encontro de amor”. **Vatican News**, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-03/papa-francisco-penitenciaria-apostolica-misericordia-confissao.html>. Acesso em: 16 jun. 2023.



CASTRO, Beatriz Helena Viana; EGGERT, Edla. Responsabilização do cuidado – a pandemia e as mulheres. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 10-21, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CONFERÊNCIA Fiel Mulheres 2025: criadas à imagem de Deus. **Ministério Fiel**, 2024. Disponível em: <https://conferencias.ministeriofiel.com.br/21-a-23-03-criadas-a-imagem-de-deus-conferencia-fiel-mulheres-2025/>. Acesso em: 31 maio 2024.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. Trad. Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FERREIRA, Ivanir. Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia. **Jornal da USP**, 09 fev. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GANDRA, Alana. IBGE: mulher tem peso importante no chamado "trabalho invisível". **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 04 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-06/ibge-mulher-tem-peso-importante-no-chamado-trabalho-invisivel#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,pr%C3%B3prio%20%C3%A9%20atividade%20mais%20masculina>. Acesso em: 01 jun. 2023.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 98, p. 7-23, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LN8YgwX9J7Xgr67tZTVjf9B/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 23 maio 2023.

IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. **Agência IBGE notícias**, 29 jun. 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espirtas-e-sem-religiao>. Acesso em: 29 maio 2024.

JAGURABA, Mariangela. O Papa: a misericórdia é a missão da Igreja, facilitar o acesso dos fiéis a este “encontro de amor”. **Vatican News**, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-03/papa-francisco-penitenciaria-apostolica-misericordia-confissao.html>. Acesso em: 16 jun. 2023.

LAGES, Patrícia. Empreendedoras da Bíblia – a mulher de Provérbios (parte 1). **Bolsa Blindada**, 28 ago. 2015. Disponível em: <https://bolsablindada.com.br/empreendedoras-da-biblia-a-mulher-de-proverbios-31-parte-1/>. Acesso em: 31 maio 2024.

LENZ, Matias Marinho. Fé Cristã e práxis social. **Biblioteca Digital Theologica Latinoamericana**, [s.d.]. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1690>. Acesso em: 29 maio 2024.



MACHADO, Ricardo. As mulheres sofrem com elevados níveis de pobreza de tempo. Entrevista especial com Luana Simões Pinheiro. **Instituto Humanitas Unisinos**, 24 maio 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/609479-as-mulheres-sofrem-com-elevados-niveis-de-pobreza-de-tempo-entrevista-especial-com-luana-simoes-pinheiro>. Acesso em: 02 jun. 2023.

MALAFIA, Elizete. É possível ser uma mulher virtuosa? – Pra. Elizete Malafia. **Youtube**, 31 jan. 2022. 1 vídeo (36 minutos). Disponível em: <https://youtu.be/H8winjbSQ0M?si=BHxxSqrpg1S2A38v>. Acesso em: 31 maio 2024.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Trad. Eliane Zagury. 48. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967. Disponível em: <https://www.escolahenriquemedina.org/bibdigital/view/1788/Cem%20Anos%20de%20Solidao%20-%20Gabriel%20Garcia%20Marquez.pdf>. Acesso em: 24 maio 2024.

McELWEE, Kate. A evolução do Papa Francisco sobre as mulheres: algum movimento, mas é necessário mais. **Instituto Humanitas Unisinos**, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626748-a-evolucao-do-papa-francisco-sobre-as-mulheres-algum-movimento-mas-mais-necessario>. Acesso em: 31 maio 2024.

MULLER, Eliane Fransieli; MOSER, Liliane. Economia do cuidado: um debate conceitual. In: SEMINÁRIO NACIONAL: SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL – SENASS, 4., 2022. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/242785/44%201095.pdf?sequence=1#:~:text=A%20economia%20do%20cuidado%20em,1999%20apud%20ESQUIVEL%2C%202011>. Acesso em: 24 maio 2023.

OXFAM. **Tempo de cuidar**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/#:~:text=A%20desigualdade%20econ%C3%B4mica%20est%C3%A1%20fora,a%20crise%20global%20da%20desigualdade>. Acesso em: 01 jun. 2023.

PIMENTEL, Vinicius Musselman. A mulher de Deus e a mulher Virtuosa. **Voltemos ao Evangelho**, 26 mar. 2012. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2012/03/a-mulher-de-deus-e-a-mulher-virtuosa/#:~:text=Prov%C3%A9rbios%20nos%20diz%20que%20uma,uma%20b%C3%AAAn%C3%A7%C3%A3o%20e%20uma%20oportunidade>. Acesso em: 31 maio 2024.

PINHO, Paloma de Sousa; ARAÚJO, Tânia Maria de. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 15, n. 3, p. 560-572, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/dxHcftTBL5b8P5YcXmwFwGG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2024.



PROTAGONIZADO POR MULHERES, trabalho de cuidado segue “invisível” à população. **Universidade Federal da Integração Latino-Americana**, Paraná, 06 mar. 2023. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/noticias/protagonizado-por-mulheres-trabalho-de-cuidado-segue-201cinvisivel201d-a-populacao-1>. Acesso em: 31 maio 2024.

RENK, Valquiria Elita; BUZQUIA, Sabrina Pontes; BORDINI, Ana Silvia Juliatto. Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 30, n. 3, p. 416-423, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202230030228>.

THINK Olga. **Economia do Cuidado**: como podemos visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado? 2020a. Disponível em: <http://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

THINK Olga. **Manifesto**. 2020c. Disponível em: <http://lab.thinkolga.com/manifesto/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

THINK Olga. **Saúde das mulheres**: Mulheres são a linha de frente da saúde e do cuidado, mas seguem sozinhas, desamparadas e adoecendo. 2020b. Disponível em: <http://lab.thinkolga.com/saude-das-mulheres/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

TOMMASO, Wilma Steagall de. **Cristo Pantocrator**: a origem e sua divulgação no Brasil. [s.d.]. Disponível em: https://wilmatommaso.com.br/wp-content/uploads/2021/02/022_CRISTO_PANTOCRATOR_A_ORIGEM_E_SUA_DIVULG.pdf. Acesso em: 31 maio 2024.

ULRICH, Claudete Beise; STRÖHER, Marga Janete; PAZ, Nivia Ivette Nuñez de la. Mulheres em tempo de pandemia: a cotidianidade, a economia do cuidado e o grito uterino! **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 554-572, maio/ago. 2020. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/4101. Acesso em: 12 jun. 2023.

Recebido em: 01 nov. 2023.

Aceito em: 16 ago. 2024.